

Santo Afonso de Ligório, Santa Tereza D'Ávila e São Francisco de Assis: interfaces religiosas.

José Leandro Peters¹

Resumo No trabalho desenvolvo uma reflexão sobre as relações entre a concepção de Santo Afonso de Ligório sobre a "imitação de Cristo" e a filosofia religiosa de Santa Teresa D'Ávila e de São Francisco de Assis. O objetivo é compreender como a espiritualidade de S. Tereza foi recebida por Ligório ao fundar uma religiosidade singular frente aos seus contemporâneos como Maria Celeste Crostarossa e Mons. Tomás Falcóia e como essa dialoga com os princípios firmados por S. Francisco no séc. XIII. Logo, pela pesquisa ,quero perceber a historicidade do discurso de S. Afonso e estabelecer conexões entre a religiosidade presente no período vivido pelo santo e as práticas missionárias Redentoristas.

Palavras-Chave: "Imitação de Cristo"; Santo Afonso de Ligório, São Francisco de Assis; Santa Tereza D'Ávila.

Introdução: documentação trabalhada.

Na década de 1970 esteve presente na Igreja Católica um forte discurso que objetivou, em parte, modificar a abordagem religiosa do Evangelho, esse movimento ficou conhecido como *Teologia da Libertação*. Por meio desse discurso os prelados da Igreja Católica buscavam aproximar a sua atuação da realidade social do povo católico.

Nas décadas de 1960 e 1970, os teólogos da Europa e das Américas passaram a ser cada vez mais atraídos por uma visão da salvação cristã que enfatizava o efeito libertador do Evangelho não apenas no

¹Doutorando em História pelo PPG - História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes / CNPQ. Email: joseleandropeters@yahoo.com.br. Pesquisa orientada pela professora Dr^a Beatriz Helena Domingues.

além, mas onde quer que os seres humano se achassem escravizados pela opressão econômica, social ou política. (DUFFY, 1998, p. 284).

Emergida das discussões do Concílio do Vaticano II (1962-1965) e colocada em prática ao longo dos pontificados de Paulo VI (1963-1978); João Paulo I (1978) e João Paulo II (1978-2005) a *Teologia da Libertação* esteve na base de atuação de diversos prelados católicos ao longo de quase quatro décadas e motivou uma série de reflexões sobre a atuação evangelizadora da Igreja e do papel social da instituição na assistência aos indivíduos economicamente desfavorecidos e explorados.

É sob esse contexto que a Congregação do Santíssimo Redentor se reuniu nas décadas de 1980 e 1990 com a finalidade de debater sobre uma variada gama de assuntos pertinentes a atuação dos religiosos que fazem parte da Congregação. Esses debates geraram uma série de estudos sobre a história da Congregação, do seu fundador (Santo Afonso de Ligório), dos textos da Constituição que norteiam os trabalhos dos padres redentoristas e dos religiosos que foram importantes para a espiritualidade e o progresso da Congregação. Estes estudos foram elaborados por padres redentoristas de diversas nacionalidades. Os primeiros textos foram publicados em inglês, no ano de 1985, em cinco volumes intitulados *Readings in Redemptorist Spirituality*. Ao longo da década de 1990, esses estudos foram traduzidos para português pela União dos Redentoristas do Brasil, compondo 8 volumes sob o título de *Espiritualidade Redentorista*. Estudos que servirão e base para a elaboração deste texto.

Ao analisar esses textos, percebo que eles dialogam com três frentes: a história canônica de Santo Afonso de Ligório, os princípios da Teologia da Libertação e com estudos históricos sobre os princípios sociais, religiosos e políticos europeus dos séculos XV-XVIII apresentados nas décadas de 1980 e 1990 por historiadores como Jean

Delumeau e Carlo Ginzburg². Pontos que serão trabalhados ao longo do texto.

Encontramos entre esses variados textos uma linha de raciocínio que os une: a exaltação da imagem da Congregação Redentorista como um braço da Igreja na assistência aos pobres. Esses *pobres* são compreendidos como duplamente excluídos: social e religiosamente. Essa apropriação da história da congregação nos textos está relacionada ao princípio motivador para a fundação da Congregação - atender às necessidades daqueles indivíduos que estavam a margem da sociedade e não tinham assistência social nem espiritual, mas dialoga também com as preocupações momentâneas da Igreja nas décadas de 1770 - 1890. Assim, exaltaram como marca da Congregação, criada por Ligório no século XVIII, a assistência espiritual aos socialmente desfavorecidos. Portanto o termo *pobre* é uma constante ao longo dos trabalhos lidos para compor este texto, bem como aparecerá de maneira incisiva ao longo de todo o texto aqui produzido. O conceito assume dois significados: o indivíduo que é social e economicamente desfavorecido e/ou vive às margens da sociedade, geralmente habitando regiões longínquas em relação aos centros urbanos e refere-se também aos indivíduos que não são assistidos espiritualmente pela Igreja.

1- Afonso de Ligório e a pobreza:

Afonso de Ligório era filho primogênito de uma rica família da cidade de Nápoles na Itália. Quando de seu nascimento em 7 de setembro de 1696, um amigo da família, o jesuíta São Francisco Jerônimo, teria profetizado aos seus pais Dom José e Dona Ana que o menino viveria muito, ficaria muito velho, seria bispo e faria grandes coisas para Deus. Mas, mesmo frente a esse discurso, a família do jovem

² São também citados outros nomes: “Os estudos realizados por ‘experts’, tais como Ginzburg, de Rosa, de Maio, Delumeau, Galasso, Russo, e Villari, nos ajudam a entender o marco geral da tal situação”. (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1992. P. 30). No entanto, como esses textos que não são produzidos com o rigor acadêmico, não há citações completas, nem do nome completo do autor, nem da obra tomada como referência. Nesse sentido tomei por base os textos mais debatidos pela historiografia atual e que apresentam uma reflexão sobre o campo religioso da Itália no século XVIII: Jean Delumeau e Carlo Ginzburg.

Afonso de Ligório não insistiu em uma formação religiosa para o menino, procuram oferecer-lhe uma formação típica da nobreza. A educação religiosa ficou a cargo dos pais, que teriam inculcado no indivíduo a devoção pelas figuras religiosas de Jesus e Maria. Seu pai foi o responsável por conduzi-lo ao primeiro retiro fechado, na idade dos dezoito anos. A partir de então Ligório passou a freqüentar regularmente esses retiros, sempre com muito fervor religioso. Segundo os estudos da vida de Afonso de Ligório, não passava pela sua mente tornar-se padre. Para ele, o número de 10.000 padres existentes no Reino de Nápoles era mais que suficiente para atender as necessidades religiosas da região. Ao que parece, Afonso de Ligório tinha uma vida religiosa atuante, mas, como primogênito, dedicava sua vida ao exercício da advocacia, profissão na qual encontrou sucesso e reconhecimento. Mas foi essa profissão também a responsável por uma mudança na vida desse jovem. Em 1723, Ligório perdeu, pela primeira vez, uma causa jurídica importante que envolvia cerca de 600 mil ducados³.

A causa perdida foi determinante para uma mudança brusca na vida de Ligório. O jovem que um ano antes já havia abdicado à primogenitura em favor do seu irmão Hércules, recusou-se a participar da vida boêmia da corte e a trocou pela assistência aos doentes no Hospital dos Incuráveis. Nesse local, Ligório teria tido sua primeira visão religiosa em 1723, ouvindo um chamado que o convidava a deixar a vida de burguês que levava e se entregar a uma vida religiosa. Em 29 de agosto de 1723, como um sinal de abandono da antiga vida que levava dirigiu-se à Igreja da Redenção dos Cativos em Nápoles, dedicada a Nossa Senhora das Mercês, onde tirou sua espada de nobre e a colocou sobre o altar de Nossa Senhora das Mercês.

³ Na ocasião, o jovem advogado defendia os interesses do duque Orsino di Gravina contra o duque da Toscana, Cosme III de Medicis. Ligório estava certo do direito de seu cliente: 600 mil ducados. Segundo apontam os estudos sobre a vida de Ligório, por pressões políticas dos Medicis, o tribunal determinou vitoriosa a causa de Cosme III, despertando a ira de Afonso para com os tribunais.

A abdicação de Afonso de Ligório aos bens materiais e aos títulos nobiliárquicos se aproxima da história de São Francisco de Assis uma vez que esse também negou os bens materiais e as vaidades pessoais para priorizar determinados valores religiosos. Assim como Ligório, Francisco também nasceu em uma família burguesa que pode lhe proporcionar uma boa educação e uma juventude marcada pela vida boêmia (LE GOFF, 2007).

Conforme aponta Jacques Le Goff, São Francisco vive em um momento histórico em que a Europa passa por uma série de transformações. Ao longo dos séculos XII e XIII, as cidades italianas passaram a ganhar uma importância crescente, sendo o local de onde emanava o poder. Elas assumem a posição de centros cosmopolitas, que atraem a atenção financeira e um fluxo de imigrantes crescentes, principalmente de camponeses. Nessas cidades, como é o caso de Assis, onde nasceu e cresceu São Francisco, os conflitos entre a nascente burguesia, a clássica nobreza e os interesses do Estado Pontifício eram uma constante. Nos campos, os laços servis, embora ainda existissem, foram aos poucos se afrouxando com alguns servos conhecendo uma determinada liberdade. No jogo econômico e social, o prestígio do sangue e do nascimento perde espaço para a riqueza material (LE GOFF, 2007).

Frente a essa sociedade em transformação, Le Goff afirma que a Igreja deu origem ao processo de *aggiornamento*. Ela esforçou-se para se enquadrar nessa sociedade em transformação. Índícios desse desejo de adaptação seriam os diversos concílios convocados pela Igreja a partir do século XII⁴. Essas reuniões convocadas pela Igreja ao longo do período medieval tiveram o objetivo de fortalecer a hierarquia da Igreja e reafirmar a monarquia papal. Esses concílios podem ser lidos como uma conclusão da chamada *Reforma Gregoriana*, caracterizada fortemente

⁴ Os concílios ocorridos ao longo dos séculos XII e XIII, conhecidos como concílios medievais, foram: “Latrão I (1123), Latrão II (1139), Latrão III (1179), Latrão IV (1215), Lyon I (1245), Lyon II (1274), Vienne (1311-1312)”. Sobre os diversos concílios ocorridos na Igreja Católica ver: *História dos Concílios Gerais da Igreja*. Disponível em HTTP: <www.a12.com/vaticano2/historia> (Acessado em: 01/08/2015, às 10:52).

pala atuação do papa Gregório VII (1073-1085). Esse processo de reforma, iniciado no princípio do século XI, teve como objetivo afastar a interferência de leigos na administração da Igreja, bem como expandir a monarquia papal, que até então se restringia à cidade de Roma, a outros Estados europeus (DUFFY, 1998). Le Goff defende que a *Reforma Gregoriana* representa uma volta às origens da Igreja priorizando a vida apostólica e a retomada do processo de cristianização, bem como um esforço da Igreja em se adaptar às mudanças que surgem fora dela.

As reformas propostas pela Igreja nesse período conduziram a afirmação de um novo princípio de atuação dos membros da instituição que priorizou duas frentes de atuação: a vida ativa e a vida contemplativa no caso do movimento canônico e um melhor equilíbrio entre o trabalho manual e a oração no caso do monaquismo. As ordens fundadas ao longo do século XII, como a dos cartuxos (1084) e a de Cister (1098) priorizaram uma vida espiritual marcada pelo eremitismo, leitura e meditação, oração e contemplação. Esses movimentos que buscam conciliar a vida comunitária com o cuidado das almas acabaram por motivar um trabalho espiritual marcado pelo trabalho manual, a prática da pobreza e a pregação em um momento que crescia a participação dos leigos no domínio do religioso, a exemplo das ordens militares que promoveram uma fusão entre valores religiosos e valores guerreiros.

É nesse contexto religioso de tentativa de controle da Igreja do espaço religioso e fortalecimento de uma religiosidade leiga que o jovem Francisco rompe com a vida cavalheiresca para se dedicar a um apostolado da paz e da pobreza. Em uma região marcada pela ascensão constante de uma vida urbana repleta de usura, avareza e orgulho, mas que vivia também um processo de disputas e guerras constantes; São Francisco propôs uma vida religiosa que se dividia entre a ação urbana e o retiro eremítico. Ele era um leigo que, em um contexto de ação da Igreja para suprimir a participação desses na administração do campo religioso, conforme aponta Le Goff, “quis mostrar que os leigos são

dignos e capazes de levar, como os clérigos, uma vida verdadeiramente apostólica” (LE GOFF, 2007, p. 38).

A conversão de São Francisco, assim como a de Afonso de Ligório, foi marcada por visões e contato com os pobres. Em 1205 ele resolve acompanhar um nobre de Assis que ia à Apulia e lutar ao lado do exército papal. Francisco estava certo do seu sucesso militar, porém não chegou à cidade de Apúlia; depois de encontrar com um pobre cavaleiro que lhe entrega parte de sua capa, ele retornou a Assis, onde se refugiou em uma gruta afastada para meditação. Logo depois ele revelou a um amigo confidente dois desejos: a sabedoria como tesouro e a vida religiosa como esposa. Aos poucos, Francisco se aproximou da pobreza; ele se comoveu com a situação precária de uma igreja em San Damiano e doa ao pároco da mesma parte da riqueza da sua família para que o religioso possa reformá-la.

Furioso com o desaparecimento da mercadoria, o pai manda procurá-lo. Francisco se esconde na adega de uma casa abandonada onde seu fiel amigo sigilosamente o abastece de alimentos. Depois, decidido a assumir sua responsabilidade, deixa o esconderijo e se mostra aos conterrâneos. Emagrecido pelas privações, acusa-se publicamente de preguiça e ociosidade. Essa mudança deixa estupefatas as pessoas de Assis que zombam dele, tratam-no de louco, jogam-lhe lama e pedras: prefiguração da perseguição, da busca do martírio, esboço da imitação de Cristo quanto aos ultrajes, do Ecce Homo. Atraído pelo barulho, seu pai o agarra e o tranca, acorrentado, num cárcere de sua casa. Depois de alguns dias, sua mãe, compadecida, solta-o. Francisco foi procurar refúgio com o bispo, testemunha responsável e protetora, publicamente, diante de seu pai, espumando de raiva, cumpre o ato solene que marca a ruptura com a sua vida anterior e que o torna livre. Renuncia a todos os seus bens, depois se despe inteiramente e, nu, manifesta seu despojamento absoluto. (LE GOFF, 2007, p. 66).

O ato que concretiza a conversão de São Francisco a uma vida dedicada ao eremitismo conciliada com a assistência às almas se aproxima da conversão de Santo Afonso de Ligório. Os dois vivem em

momentos históricos distintos, mas suas trajetórias de vida e visão religiosa se aproximam. Isso se deve principalmente a dois fatores: as expectativas da Igreja enquanto instituição nos dois intervalos históricos e o ideal de santidade vislumbrado por ambos os indivíduos. Nos séculos XII e XIII, conforme analisado acima, a Igreja se propôs a uma reforma em que os objetivos eram reforçar os laços hierárquicos e definir de maneira mais clara os dogmas da Igreja, afastando os leigos da administração do campo religioso. No século XVIII, no qual viveu e atuou Santo Afonso de Ligório, a Igreja também buscou uma valorização da hierarquia no âmbito institucional, bem como uma afirmação do poder pontifício, que era então colocado em questão pelos diversos chefes de Estado europeus. Conforme analisa Eamon Duffy, ao longo do século XVII e XVIII a Igreja se esforçou por combater o avanço do protestantismo e a política antipapista de alguns Estados (DUFFY, 1998). Os conflitos em defesa do catolicismo frente ao avanço das ideias protestantes deram à Igreja Católica duas certezas: que a institucionalização do protestantismo seria uma presença permanente na Europa Ocidental e que os grandes poderes da Europa nos séculos XVII e XVIII reverenciavam o papa como a figura principal do catolicismo, mas recusavam a sua interferência na política. Nenhum desses Estados estava disposto a moldar a sua política externa de acordo com considerações puramente religiosas.

Em um mundo em que os chefes de Estado buscavam afirmar o poder temporal, o discurso eclesiástico passava a ser concebido como uma arma a mais no fortalecimento do Estado. Assim, os poderes espiritual e temporal se viam como uma ameaça concomitante. Para a Igreja, o poder do Estado limitava a autoridade do papa e, para o Estado, a Igreja oferecia uma ameaça às particularidades do exercício de poder de cada grande potência europeia. As duas instâncias de poder se separam nesse período; em alguns momentos a Igreja consegue se sobrepor ao poder temporal, mas ao longo dos séculos XVII e XVIII, o mais comum foi a interferência das grandes potências nas decisões da Igreja. Os reis e conselhos de Estado buscaram interferir na nomeação

de bispos e cardeais aspirando mais a desejos materiais do que espirituais; eles buscavam conseguir a nomeação de indivíduos que pudessem auxiliá-los na afirmação do poder e na condução de determinados projetos de governo.

Esse processo de reforma da Igreja contemporâneo a Ligório não foi exclusivo da Santa Sé, uma vez que contou com a participação de vários atores e propôs alterações de atuação em variadas frentes: 1- procurou atacar a participação dos leigos na administração do sagrado, muito próximo do que ocorreu ao longo dos séculos XII e XIII em que viveu São Francisco de Assis. 2- Atacou a atuação de ordens religiosas que ao mesmo tempo que afirmava uma prática religiosa mundana e que pouco valorizava os sacramentos da Igreja, atuava na contramão do fortalecimento do poder do Estado, já que representavam o poder da Santa Sé dentro de cada nação em que eram instaladas. 3- Reforço da hierarquia eclesiástica, em que se via como necessário afirmar a autoridade papal no controle das questões ligadas à religião em um momento em que o fortalecimento do Estado tinha como consequência uma maior interferência do poder temporal no domínio das questões relacionadas ao sagrado. 4- Condenação da riqueza da Igreja e popularização do discurso que atrela a atuação religiosa à prática da pobreza. 5- Fortalecimento do discurso de um retorno ao cristianismo primitivo.

Depois dessa rápida análise, podemos afirmar que, assim como São Francisco, Santo Afonso de Ligório também foi contemporâneo de um processo de reforma da Igreja Católica, em que a instituição buscava a afirmação da autoridade papal frente ao fortalecimento do poder dos Estados e à proliferação de teses iluministas que propalavam uma sociedade laica, reforçando a ideia de que a Igreja deveria reserva-se ao domínio do sagrado e reduzir a sua atuação política. Tendo a Congregação do Santíssimo Salvador⁵ sido pensada e fundada por

⁵ Esse foi o primeiro nome da congregação fundada por Afonso de Ligório, que só mais tarde (segunda metade do século XVIII) passou a ser denominada Congregação do Santíssimo Redentor.

Afonso de Ligório, Maria Celeste Crostarossa e pelo padre Antônio Maria Tannoia nas décadas de 1720 e 1730, as questões acima abordadas; relações entre Igreja e Estado, reforço da hierarquia eclesiástica e o ataque a um catolicismo desregrado, perpassaram o pensamentos desses indivíduos e permitiram a formação de uma espiritualidade singular que esteve em consonância tanto com as aspirações da Igreja, assim como com as expectativas religiosas do povo simples das pequenas vilas dos reinos italianos.

O outro fator que a meu ver permite uma aproximação entre as espiritualidades franciscana e afonsiana está relacionado ao ideal de homem perfeito e de santidade presente nos períodos históricos vividos por cada um dos santos. Tanto Francisco, quanto Afonso de Ligório, tomam como exemplo a ser seguido a imagem de Cristo nu. Ambos acreditam que a posse de bens materiais distancia os indivíduos da perfeição, e o maior exemplo disso seria a imagem de Jesus Cristo que, em vida, renegou toda e qualquer riqueza e colou-se a viver junto aos pobres com o objetivo da evangelização. Conforme aponta Jean Delumeau o tema do desprezo pelo mundo marcou a mentalidade medieval e moderna (DELUMEAU, 2003). O discurso que relaciona o abandono dos bens materiais e a ascensão a Deus de almas excepcionais ultrapassou o círculo letrado e atingiu diversas camadas da população, associando o virtuosismo humano à renúncia dos bens materiais. Esse discurso aponta para uma aproximação entre o homem e a imagem de Jesus Cristo, o qual recusa os bens materiais em favor de uma vida dedicada a evangelização e ao exercício da pobreza (DELUMEAU, 2003 / HUIZINGA, 2010). Tanto São Francisco, quanto Santo Afonso renunciaram às riquezas pessoais e a uma vida cavalheiresca para viverem um cotidiano marcado pela contemplação religiosa, pelo exercício da pobreza e pela assistência aos desamparados espiritual e socialmente. Assim, os valores religiosos presentes no momento em que viveram os dois santos estiveram na base de formação de suas doutrinas, as quais passaram a nortear os

trabalhos daqueles que se dispuseram a integrar as instituições por eles fundadas.

2- A prática do amor a Jesus Cristo em Afonso de Ligório.

Depois de devidamente formado como clérigo da Igreja Católica, Afonso de Ligório se dedicou às Missões Apostólicas que o conduziram a constantes incursões ao interior do Reino de Nápoles levando-o a decidir que iria dedicar sua vida aos pobres camponeses italianos, que ele compreendia como abandonados tanto pelo Estado como pela Igreja. O contato com esses pobres e a leitura de mundo presente no momento em que Afonso viveu que associava a pobreza à salvação da alma e o luxo à condenação, modificou a vida e as expectativas do jovem religioso, que retornou para a cidade certo de uma ruptura com o estilo de vida que levava até então e ansioso por atender às expectativas religiosas de um grupo social específico. Conforme aponta o Padre Louis Vereecke da Congregação do Santíssimo Redentor – Província de Paris:

O ponto de partida da Congregação foi o choque experimentado por Afonso de Ligório diante da miséria humana e religiosa dos cabreiros de Scala. Já desde alguns anos ele pregava missões populares, mas nunca até aquela estadia na costa de Amalfi havia sido tão profundamente tocado. Tudo partiu dessa tomada de consciência da miséria do mundo rural do Reino de Nápoles. Através de mil dificuldades, ajudando-se também das ocasiões favoráveis, Afonso irá esforçar-se para aprofundar uma instituição que assumirá as necessidades religiosas do povinho napolitano. (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1991, Pp. 5 e 6)

É, em parte, desse contato constante com os pobres que Ligório desenvolve sua doutrina espiritual, conectada internamente pela concepção de amor e na primazia prática que ele atribui à vida espiritual. O objetivo da fundação da Congregação do Santíssimo Salvador, conforme já foi ressaltado acima, está intimamente relacionado aos princípios do *contemptus mundi* vigentes durante toda a

formação intelectual e religiosa do Santo bem como das expectativas despertadas nele pela experiência de contato com os pobres durante sua atuação na Congregação das Missões, o que fica evidente na carta enviada por Ligório ao papa em 1734 para conseguir a aprovação apostólica da Congregação do Santíssimo Salvador;

Após muitos anos de exercício das missões como membro da Congregação das Missões Apostólicas, com sede na Catedral de Nápoles, conhecendo o grande abandono em que jazem os pobres e principalmente os camponeses, em vastas regiões deste reino, desde 1732 uniu-se aos acima mencionados sacerdotes, seus companheiros, sob a direção de Mons. Falcoia, Bispo de Castellamare, para atender aos pobres camponeses espiritualmente mais abandonados, com missões, instruções e outros exercícios. Pois é freqüente não terem quem lhes administre os santos sacramentos e lhes anuncie a palavra de Deus, ao ponto de muitos deles morrerem na ignorância dos próprios mistérios da fé necessários para a salvação, por serem poucos os sacerdotes, que de modo especial se dedicam aos pobres camponeses, seja por causa dos gastos necessários, seja por causa do incômodo que tal tarefa acarreta. (CSSR, 2004).

Nota-se que no documento o objetivo de Ligório é conseguir a aprovação para fundar uma congregação que fortaleceria o trabalho missionário destinado a atender às necessidades espirituais dos povoados mais pobres e distantes das seis províncias do reino de Nápoles. Como justificativa, Ligório argumenta que não havia quem administrasse os sacramentos ou proferisse o evangelho a esses pobres camponeses, permitindo que alguns vivessem na ignorância a vida toda, sem acesso aos sacramentos. O que S. Afonso propõe à Igreja nesse momento é fundar uma congregação religiosa que reúna um clero secular disposto a atender as necessidades espirituais de camponeses pobres ao mesmo tempo em que afirma um princípio de religiosidade que procura romper com práticas religiosas mundanas, regalistas, pouco ortodoxas. Na concepção dos religiosos desse período era essa determinada

negligência da Igreja que permitia a proliferação pelos campos dos reinos italianos de uma religiosidade popular perpassada pelas práticas mágicas e pela feitiçaria⁶. Certamente Ligório não compreendia de início essas práticas religiosas como manifestações da fé cristã, entendia esse tipo de exercício espiritual como uma manifestação do paganismo, resultado do abandono religioso em que se encontravam essas zonas marginais. E podemos concluir também que é com esse tipo de manifestação do cristianismo que os membros da Congregação do Santíssimo Salvador entraram em contato e se colocaram a tentar suprimir, ou adaptar, de acordo com os anseios de uma Igreja que procurava afirmar uma doutrina de valorização dos sacramentos e da hierarquia.

Em princípio parece que a filosofia de Ligório propõe a esse povo uma religião pautada pelo amor e pela prática religiosa. Para ele o amor está na base da relação entre homem e Deus. Na sua concepção, Deus ama o homem e para que se efetive uma união é preciso que o homem ame a Deus e seja capaz de expressar esse amor. Segundo ele,

nossa perfeição consiste na união com Deus, a união com Deus acontece através do amor, portanto a perfeição encontra-se no amor. Vendo que para Afonso a perfeição consiste em amar a Deus, podemos concluir que para ele a união se realiza no amor e não no ato da vontade comandada pelo amor. (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1991, p. 36)

Na concepção de Ligório, esse amor deve ser mútuo, se Deus ama todas as suas criaturas, entre as quais figura o homem, se faz necessário que o homem ame também a Deus sobre todas as coisas. Esse amor é também um ato de entrega, de negar a si mesmo. A perfeição do amor consiste assim em uma negação, a negação de si mesmo. Essa personalidade, Afonso considera estar presente nos bens materiais,

⁶ Sobre as práticas religiosas do interior italiano ver: GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

portanto só é capaz de amar a Deus e se entregar a ele aquele indivíduo capaz de negar todos os seus bens materiais. Na concepção de Afonso para se expressar o amor é preciso seguir dois exemplos de Jesus: o rebaixamento (quando Jesus encarna e vive a condição humana) e a entrega ao outro, simbolizada pela comunhão, em que Jesus entrega o seu corpo para se unir ao de seus seguidores. Assim a comunhão assume para Afonso um papel de grande importância, uma vez que ela sela o amor entre homem e Deus.

Nesse ponto Santo Afonso comunga da leitura religiosa de Santa Thereza D'Ávila. Tereza também insistiu no desprendimento do mundo como uma forma de se atingir a Deus. Segundo sua visão era necessário se desfazer das vaidades humanas para melhor se atingir a Deus, mas não só isso, era preciso também doar-se ao outro de maneira completa, o que significa renegar-se a si mesmo. Aqui reside a concepção de “imitação de Cristo” de Afonso de Ligório. Diferentemente de seus companheiros Falcóia e Crostarossa que compreendiam a “imitação de Cristo” como a reclusão em conventos para estudar os textos sagrados, Afonso entende que imitar a Jesus Cristo é seguir os seus passos no processo de evangelização do povo, recusando a sua riqueza pessoal para uma vida na pobreza dedicado ao outro.

Afonso considerou Santa Tereza como sua mestra espiritual e dividiu com ela a importância dada a uma religião mais individual, ligando a salvação não somente à Igreja e aos sacramentos, mas dando a ela um caráter individual ao afirmar que ela estava intimamente relacionada à oração de petição. Assim como Santa Thereza defendeu que a oração mental era um dos meios pelo qual o indivíduo poderia alcançar a Deus. Santo Afonso defendeu que Deus poderia ser atingido não só pelas orações mentais, mas também pelas de petição. Segundo Afonso é por meio dessas orações que o indivíduo alcança o conhecimento de suas carências e necessidades. “Consciente de sua necessidade, o crente poderia pedir à divina providência a graça de que necessita para poder realizar aquilo que na oração se revela como

carência ou necessidade” (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1992, p. 22).

Por insistir tanto na prática do amor do homem para com Deus e de Deus para com o homem, Ligório afirma que essa deve ser a filosofia para uma conversão duradoura nas missões:

Se o amor de Deus não entrar em seu coração, dificilmente vai perseverar... Por isso a finalidade principal do pregador na Missão é, sem dúvida: depois de cada sermão que ele pregar, deixar seus ouvintes em amor fervoroso. Isso não se consegue com sermões especulativos em que procura mostrar a natureza sublime do amor divino. É importante, para conseguir isso, fazer o povo entender o amor que Jesus Cristo tinha por nós em vida, especialmente em sua Paixão.⁷

Para que o homem expresse esse amor se faz necessária a conversão, e se as missões religiosas buscam demonstrar o amor de Deus aos homens e despertar o amor dos homens por Deus, uma das ações principais dos missionários é “a conversão imediata de pessoas semicivilizadas e sem cuidado religioso e uma orientação para a santidade positiva das almas religiosas” (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1991, p. 54). É aqui que reside a importância da prática religiosa tão referida por Ligório. Ele compreende que a função primaz de um religioso é atender às almas necessitadas, antes de uma reclusão para o estudo de textos sagrados. Talvez por esse motivo Afonso adota uma linguagem clara e direta em seus escritos e propõe uma atuação missionária que busque a conversão efetiva através do uso de motivos sólidos da razão e não de “berros emocionais” (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1991, p. 54). Essa é, na compreensão de Afonso, a verdadeira

⁷ Citação feita pelo padre redentorista da província de Amsterdã, H. Manders de uma carta de Santo Afonso de Ligório. (UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL, 1991, p. 49).

“imitação de Cristo”. No entendimento de Ligório, os missionários deveriam esforçar-se por demonstrar ao povo o amor de Jesus pela humanidade, utilizando para tanto das histórias da vida de Cristo e, principalmente, da Paixão. Nessas deveriam mostrar ao povo que Deus os amou, e para tanto se despreendeu de qualquer benfeitoria material.

Palavras finais:

A espiritualidade afonsiana, que está no cerne da atuação da Congregação do Santíssimo Redentor fundada por Ligório em Nápoles no ano de 1734, se esforça por apresentar ao povo uma imagem de Deus como uma figura que ama e deve ser amada e não simplesmente temida como era comum no século em que o religioso viveu. Quando o objetivo é expressar esse amor por Deus, na concepção de Afonso, o meio não importa, enfim, o finalismo prevalece sobre o moralismo.

Quanto à vida sacramental, Afonso valorizava principalmente a oração, a penitência e a eucaristia. Quanto a oração, ele acreditava, assim como Santa Tereza, que essa era a melhor via de comunicação entre o homem e Deus. Na sua concepção, era aí que o amor humano poderia se expressar com maior intensidade e ser ouvido por Deus, o qual poderia prontamente atender as súplicas dos fiéis. Nesse ponto Ligório une três concepções teológicas: desprendimento; amor e oração. Segundo sua visão aqueles que estavam socialmente mais bem preparados para expressar o amor por Deus e por ele serem ouvidos eram os pobres. Ele compreende que pela situação social a que estavam sujeitos, a pobreza, já exerciam em parte o desprendimento (o desapego das riquezas e bens materiais) e sabiam pedir com fé. Por esse motivo ele acredita no amor dos pobres para com Deus e na reciprocidade dessa relação. Quanto à penitência, Ligório esforçou-se pela formação de bons confessores, pois compreendia que eles seriam determinantes na condução de uma vida espiritual dos fiéis baseada na boa conduta. Já a eucaristia, como já foi dito em momento anterior desse texto, foi compreendida como o momento ápice de expressão de amor do homem

para com Deus e de Deus para com o homem, sendo, portanto, o sacramento mais importante.

Todas essas concepções religiosas estiveram na base de atuação dos padres que passaram a fazer parte da Congregação do Santíssimo Redentor e atuarem com missionários. Elas foram importantes na atuação não só dos religiosos que andaram pelo continente europeu na segunda metade do século XVIII e ao longo do século XIX, mas também nortearam o trabalho dos padres redentoristas que se dirigiram para regiões mais longínquas ao longo do século XIX, como é o caso do Brasil.

Referências Bibliográficas:

BORGES, Célia Maia. Santa Tereza e a Espiritualidade Mística: a circulação de um ideário religioso no Mundo Atlântico. In: *Actas do Congresso Internacional O Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedade*. Lisboa: FCSH/UNL, 2005. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/celia_maia_borges.pdf>

Acesso: 13 out. 2015.

CSSR. *Constituições da Congregação do Santíssimo Redentor*. Roma, 2004.

DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o Medo: a culpabilização do Ocidente (séculos 13-12)*. 2 vols. Bauru, SP: Edusc, 2003.

DUFFY, Eamon. *Santos e Pecadores: História dos Papas*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

História dos Concílios Gerais da Igreja. Disponível em HTTP: <www.a12.com/vaticano2/historia> Acesso em: 01 ago. 2015.

HUIZINGA, Johan. *O Outono da Idade Média: Estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

UNIÃO DOS REDENTORISTAS DO BRASIL. *Espiritualidade Redentorista: textos*. Vol. 01 e 02. Aparecida: Editora do Santuário. 1991.

_____. *Espiritualidade Redentorista: textos*. Vol. 03. Aparecida: Editora do Santuário. 1992.